

Reverendo Paradigmas para a Formação Teológica e Ministerial

*Prof. Lourenço Stelio Rega*¹

Resumo

Um currículo não é neutro, mas produto de um conjunto de paradigmas e desejos e as práticas escolares dentro de um seminário são produtos de um conjunto de princípios e paradigmas educacionais, filosóficos e políticos. Com isto em mente, este artigo descreve os principais fundamentos educacionais que devem ser o alicerce do projeto pedagógico de um seminário, sendo um exercício de reflexão e revisão desses fundamentos.

Palavras-chave: educação teológica, paradigmas educacionais, educação integral, modelos educacionais

Abstract

A curriculum is not neutral, but product of a group of paradigms and desires and the school practices inside of a seminar they are products of a group of principles and paradigms education, philosophical and political. With this in mind, this article describes the main education foundations that they should be the foundation of the pedagogic project of a seminar, being a reflection exercise and revision of those foundations.

Keywords: theological education, education paradigms, integral education, education models

Introdução

Muito se tem perguntado sobre a qualidade da formação teológica batista no Brasil. Há também inúmeras exigências que o campo tem feito a respeito do perfil do obreiro que se deve formar em nossas instituições. Exigências que vão num extremo privilegiando a erudição e noutro a formação prática do obreiro. Especialmente nas décadas de 70 e 80, o enfoque para o perfil pragmático era a tônica.

Há mais de 25 anos esse tema tem

ocupado minhas preocupações, especialmente quanto a busca dos fundamentos para cada exigência. Se de um lado precisamos de líderes que conheçam bem a teologia, a Bíblia e a exegese, por outro lado também precisamos de líderes que saibam ser úteis à comunidade. Isto é, líderes que **saibam** coisas, mas que também consigam **relacionar-se**, cuidar de gente.

Um antigo professor me ensinou que num círculo os extremos se tocam. Creio

¹ **Lourenço Stelio Rega** é Bacharel em Teologia, Mestre em Teologia (espec. em Ética), Licenciado em Filosofia, Pós-Graduado em Administração (núcleo de Análise de Sistemas), tem curso de extensão pedagógica do ensino superior e é Mestre em Educação. É o Diretor Geral e professor da Faculdade Teológica Batista de São Paulo e Presidente da Associação Brasileira de Instituições Batistas de Ensino Teológico (ABIBET).

que é assim mesmo. Estes dois paradigmas que tipificam o perfil de um líder acabam por se tocar, mas tenho visto líderes denominacionais que, sem consciência disso, acabam por levantar séria polêmica sobre o assunto.

Certamente o assunto tem estado arrefecido ultimamente, uma vez que boa parte dos seminários batistas brasileiros tem passado por situação gerencial e financeira que demanda cuidado. Assim o foco tem se dirigido para a sobrevivência institucional.

Mas há muito tempo ando desconfiado de que por baixo desse tema ainda existe um outro mais complexo, e que acaba por nortear o futuro das discussões. O subsolo desses eixos de preocupação com o tipo de perfil do líder que se pretende formar nos seminários pode ser resumido por intermédio da seguinte indagação: qual é a filosofia e a política educacional que os seminários têm adotado? Isto é, quais são os fundamentos filosóficos educacionais dos projetos pedagógicos dos seminários batistas brasileiros e a sua política educacional adotada?

Temo que esse tema nem tem sido a preocupação há muitos anos da agenda de assuntos internos das instituições. Aliás você que está lendo esse artigo deve estar se perguntando onde pretendo chegar, pois um seminário deve oferecer aulas, curso, currículo, um diploma, afinal. O que tem a ver uma sala de aula, uma disciplina, um diploma com a necessidade de se adotar uma declaração de filosofia e política educacional? Dá-se aula e pronto! O aluno aprende, tira o seu diploma e ficamos todos satisfeitos.

Gostaria que isso fosse tão simples assim. Todo processo educacional é produto de um conjunto de paradigmas que interagem ativando ou inibindo as práticas escolares. Um currículo não é neutro. Lucíola Santos, comentando Ivor Goodson e Young, afirma que “as disciplinas ou conteúdos escolares são estruturados de acordo com os interesses dominantes daqueles que têm poder na sociedade.”² Para Resende “os movimentos que acontecem no interior da escola refletem aspectos de uma cultura social mais ampla e que garantem a penetração de paradigmas ideologicamente construídos que funcionam como matrizes de comportamentos que se expressam das mais diferentes formas.”³

Sobre isso, Michael W. Apple afirma que o currículo nunca é apenas um conjunto neutro de conhecimentos, que de algum modo aparece nos textos e nas salas de aula de uma nação. Ele é sempre parte de uma *tradição seletiva*, resultado da seleção de alguém, da visão de algum grupo acerca do que seja conhecimento legítimo. É produto das tensões, conflitos e concessões, políticas e econômicas que organizam e desorganizam um povo.⁴

Quer dizer, saibamos ou não, estejamos conscientes ou não, o sistema educacional de cada seminário é produto de um conjunto de forças que o modelam. Portanto, nada de ingenuidade nesse ponto. Tenho de confessar que em geral temos focado muito o aspecto prático do ensino teológico e ministerial no Brasil. A questão é *para dar aulas precisamos de salas, professores, alunos e biblioteca. O resto acontece! Mas, como já vimos, isso não é assim.*

² SANTOS, Lucíola Licino de C. P. “História das disciplinas escolares : perspectivas de análise” in : *Teoria & Educação*, Porto Alegre, nº 2, p. 21-29, 1990, p. 23.

³ RESENDE, Lúcia Maria Gonçalves. *Relações de poder no cotidiano escolar*. Campinas : Papyrus. 1995. p. 146.

⁴ APPLE, Michael W. “A política do conhecimento oficial: faz sentido a idéia de um currículo nacional?” in MOREIRA, Antonio Flávio & SILVA, Tomaz Tadeu da (orgs.). *Currículo, Cultura e Sociedade*. São Paulo : Cortez. 1999, p. 59. Itálicos do autor.

Ao longo desse período tenho observado que grande parte das ênfases nos congressos educacionais têm sido no aspecto da estrutura e da metodologia educacional. Afinal isso é mais concreto e imediato. Nem sempre há discussão sobre filosofia e sociologia da educação, e mesmo sobre políticas de educação. O quanto muito fala-se em psicologia da educação, especialmente em temas da psicologia do desenvolvimento. Quando se fala em Filosofia da Educação Teológica, o enfoque é quanto à Teologia do Ministério, sem menção ao aspecto essencialmente educacional.

Além disso, tenho notado que o sistema educacional dos seminários batistas no Brasil geralmente é um sistema orientado por conteúdos (conteudista) em vez de ser orientado por objetivos educacionais. Me lembro de uma experiência curiosa em que um líder me procurou para informar que estava iniciando um novo seminário e que o seu currículo seria o melhor. Indaguei-lhe como poderia garantir aquilo. Sua resposta pronta foi *Nós pedimos o currículo para cada um dos melhores seminários brasileiros e colocamos em nosso currículo o que de melhor achamos nesses seminários!* Deduzi que a filosofia adotada aqui foi a da tesoura e da cola. Nem vou investir muito tempo questionando as alterações curriculares que mensageiros propõem em plenários das assembleias convencionais. Não é assim que se elabora um sistema educacional, nem se altera o currículo de um seminário. Isso é uma tarefa que demanda um conjunto de medidas integradas e simetrizadas que deverão seguir procedimentos próprios. Talvez aqui podemos estar confundindo soberania da assembleia com viabilidade técnico-educacional de um currículo.

Com tudo isso pretendo afirmar que, em geral, há uma indefinição filosófica e

política no sistema educacional teológico batista brasileiro (será que isso seria “privilegio” apenas dos batistas?? Sei que não!). E aqui é preciso diferenciar princípios regimentais, dos fundamentos do projeto político-pedagógico de uma escola. O primeiro fala sobre o que devemos fazer, o segundo trata o por quê do projeto e das práticas escolares.

É preciso ainda mencionar o descompasso entre a formação do obreiro e a sua práxis ministerial. Nem sempre é possível que o aluno consiga aprender o que for necessário à sua prática ministerial. Mas também é preciso mencionar que nem sempre há pastores dispostos a “adotar” seminaristas assumindo o papel de seus orientadores ministeriais. Isso acaba não tornando possível a associação entre escola e igreja.

Outro ponto que se torna alvo de preocupação é quando pensamos na educação teológica como sistema de indução e manutenção de hegemonia, de modo a transformá-la numa ação adestradora e domesticadora dos espíritos. Poderia ir mais longe indicando que já presenciei o uso da educação teológica como “aparelho ideológico”⁵ ou como instrumento de dominação ideológica. Um colega me contou que visitou uma biblioteca de um seminário em que cada livro tinha uma etiqueta indicando que o pensamento do autor necessariamente não era o mesmo defendido pelo seminário. Depois descobri que os alunos daquele seminário são proibidos de ler qualquer literatura ou ouvir preletores que pensam de modo diferente da escola. Aliás soube também que informalmente a escola mantém um “index” de nomes proibidos em participar de qualquer atividade acadêmica. Não seria isso transformar a educação num instrumento de dominação ideológica? Não seria uma educação reprodutivista descon-

⁵ vide *Aparelhos ideológicos de Estado*, por Louis Althusser, Rio de Janeiro : Graal, 1985.

siderando o aluno como sujeito histórico e participante da construção social?

Enfim, é preciso repensar o sistema educacional teológico batista no Brasil através da busca de novos paradigmas, e até mesmo redescobri-los na história. Esse é o meu objetivo neste artigo.

Uma educação integral no conteúdo e para o sujeito aprendente : em busca de uma definição filosófica educacional para a educação teológica!

Como se abre um seminário hoje?

Um dia um líder regional me procurou e me perguntou se eu poderia ir na inauguração do seminário de sua região. Aí perguntei se eles já tinham decidido que modelo educacional iam seguir, quais os objetivos educacionais pretendidos, etc. Ele me respondeu, *bem, nós já temos o prédio e o estatuto, o diretor, a data da inauguração e fizemos propaganda, tudo aprovado pela Junta da Associação*. O que mais precisariam? Bastava inaugurar o seminário.

Poderemos até pensar que o ensino envolve apenas o papel do professor ministrando a lição em sala de aula, uma lousa e os alunos. A verdade é que existe uma série de fatores que influenciam diretamente todo processo e prática

educativa. Estes fatores determinarão a visão que devemos ter de Deus, do mundo, do homem, da sociedade, etc. Numa outra oportunidade poderei explicitar as principais alternativas educacionais.⁶

A verdade é que estamos tratando de educação e nem sempre tratamos deste assunto à luz da ciência da educação. É como se um médico fosse fazer cirurgia e deixasse de lado toda técnica e conhecimento científico sobre Medicina.

Antes de se elaborar um currículo é preciso que haja o estabelecimento de uma declaração de valores e objetivos educacionais que será norteadora de todo sistema educacional. Mas mesmo antes de se estabelecer quais os objetivos educacionais que desejamos atingir será preciso decidir sobre qual modelo educacional vamos adotar para compor o nosso sistema de ensino. Pois isso vai determinar a composição da estrutura, do espaço físico, dos equipamentos necessários, do volume de conteúdo a ser ministrado.

Há diversos modelos que podemos adotar para elaborar um projeto educacional para um seminário. Em termos mais simples indicar sete modelos principais, mas vamos indicar um oitavo que tem sido a opção que estamos sugerindo como um novo paradigma:

1. **Modelo humanista**. Neste caso a ênfase é na formação da pessoa, de seu caráter. A preocupação não será tanto com matérias teóricas ou doutrinárias. O currículo se concentrará em matérias como ética cristã, santificação, etc. É o modelo do **SER**.

2. **Modelo situacionista**. A preocupação neste modelo é o atendimento às necessidades, tendências e demandas

⁶ Um texto resumido, mas muito útil, sobre isso é MIZUKAMI, Nicoletti. *Ensino: as abordagens do processo*. São Paulo : EPU, 1986.

atuais do mundo, do programa da igreja ou da denominação. Neste caso é traçado um perfil para o obreiro baseado nestas tendências. Que perfil de obreiro queremos? Baseado nessas tendências e demandas, traça-se um perfil do aluno que se espera alcançar no cumprimento da carga curricular. Um dos principais riscos aqui é a constante desatualização do ensino neste modelo, uma vez que o ambiente está em contínua mudança.

3. **Modelo pragmático.** A ênfase neste modelo é treinar os alunos na operacionalização de tarefas no cumprimento de um programa de atividades. Neste caso, mais do que **saber** um conteúdo, o aluno deve aprender a **fazer** coisas (pregar, visitar, aconselhar, discipular, etc.). É o modelo do **FAZER**.

4. **Modelo academicista.** O importante neste modelo é a formação acadêmica do aluno. Há ênfase no conhecimento e espera-se que o professor ensine o aluno a pensar. O currículo se concentra em matérias teóricas e doutrinárias. É o modelo do **PENSAR**.

5. **Modelo especialista.** A preocupação aqui está em treinar o aluno num ministério ou saber específico, sem se deter em qualquer outro caráter da sua formação. É um modelo válido à medida que se almeja prover capacitação técnica e acadêmica aos alunos, à partir de uma formação genérica já existente.

6. **Modelo social-comunitário.** Aqui a preocupação não é tanto com o ensino, mas com o desenvolvimento da interação de cada aluno com o grupo a que pertence. As atividades educacionais valorizam sobremaneira a vivência em grupo. Em geral são utilizadas técnicas de dinâmica de grupo como recursos didáticos do professor. É o modelo do **CONVIVER**.

7. **Modelo afetivo.** O importante neste modelo é a formação afetivo/emocional do aluno. A preocupação é com os seus sentimentos e com a adaptação do contexto à realidade afetiva do aluno. É o modelo do **SENTIR**.

8. Como pudemos observar cada modelo converge para uma ênfase educacional enfocando um lado da formação teológica. Tomado separadamente, cada modelo valoriza apenas um aspecto do indivíduo. A proposta é criar um envoltório em torno de cada ênfase unindo-as num **MODELO INTEGRAL e MULTIDIMENSIONAL DE EDUCAÇÃO TEOLÓGICA**. A proposta é criar um envoltório em cada ênfase e interligá-las almejando a formação integral e multidimensional do aluno – **SABER / REFLETIR, CONVIVER, FAZER, SER e SENTIR**.

O modelo integral e multidimensional de educação, em vez de enfatizar apenas um aspecto do indivíduo, enfoca integralmente a formação de vidas maduras do ponto de vista intelectual, social, operacional ou pragmático, pessoal (ontológico) e afetivo. Assim, será preciso rever todo projeto educacional da instituição, seja o estabelecimento dos objetivos educacionais, seja o planejamento curricular, do conteúdo programático, do conteúdo das aulas, enfim, a didática adotada pelo professor, a visão do aluno, etc.

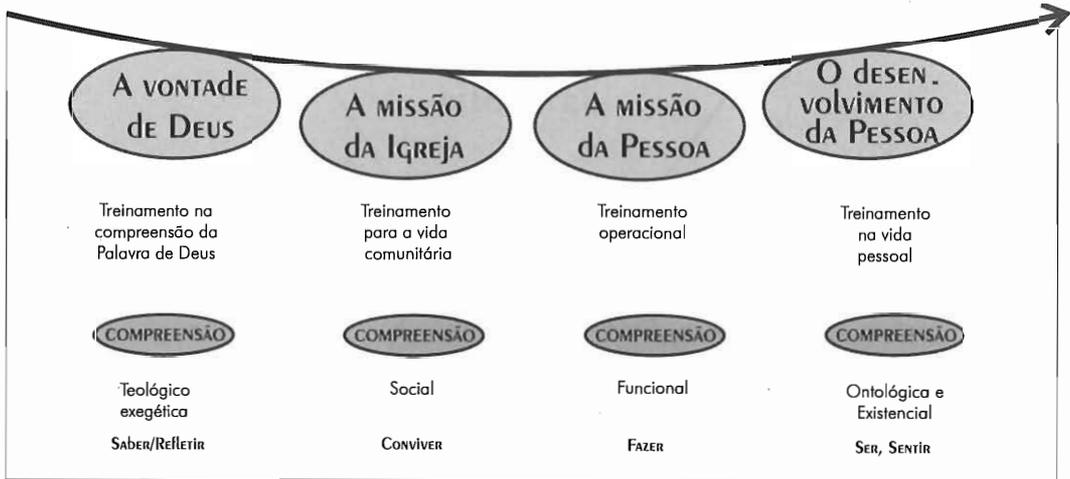
Como se pode observar, para atingirmos profundos e permanentes objetivos com a educação teológica e ministerial, será preciso rever todo processo educacional que temos desenvolvido e estarmos dispostos a assumir o custo, seja financeiro, operacional, material, em mão de obra ou temporal. Qualquer falha na

escolha do modelo a ser adotado representará graves distúrbios em todo processo do trabalho educacional.

Na Filosofia da Convenção Batista do Estado de São Paulo, esta compreensão alterou a designação de Educação Teológica

para Educação Teológica e Ministerial (ETM), numa tentativa de ampliar o conceito do modelo do ensino teológico.

Este modelo integral de ETM que proponho pode ser ilustrado pelo diagrama a seguir:



A VONTADE DE DEUS

1. O ponto de partida para a ETM dependerá do nível de autoridade que a Palavra de Deus exerce sobre a compreensão de nossa realidade, sobre a nossa fonte de verdade e direcionamento para a vida. (Objetivação da vida)

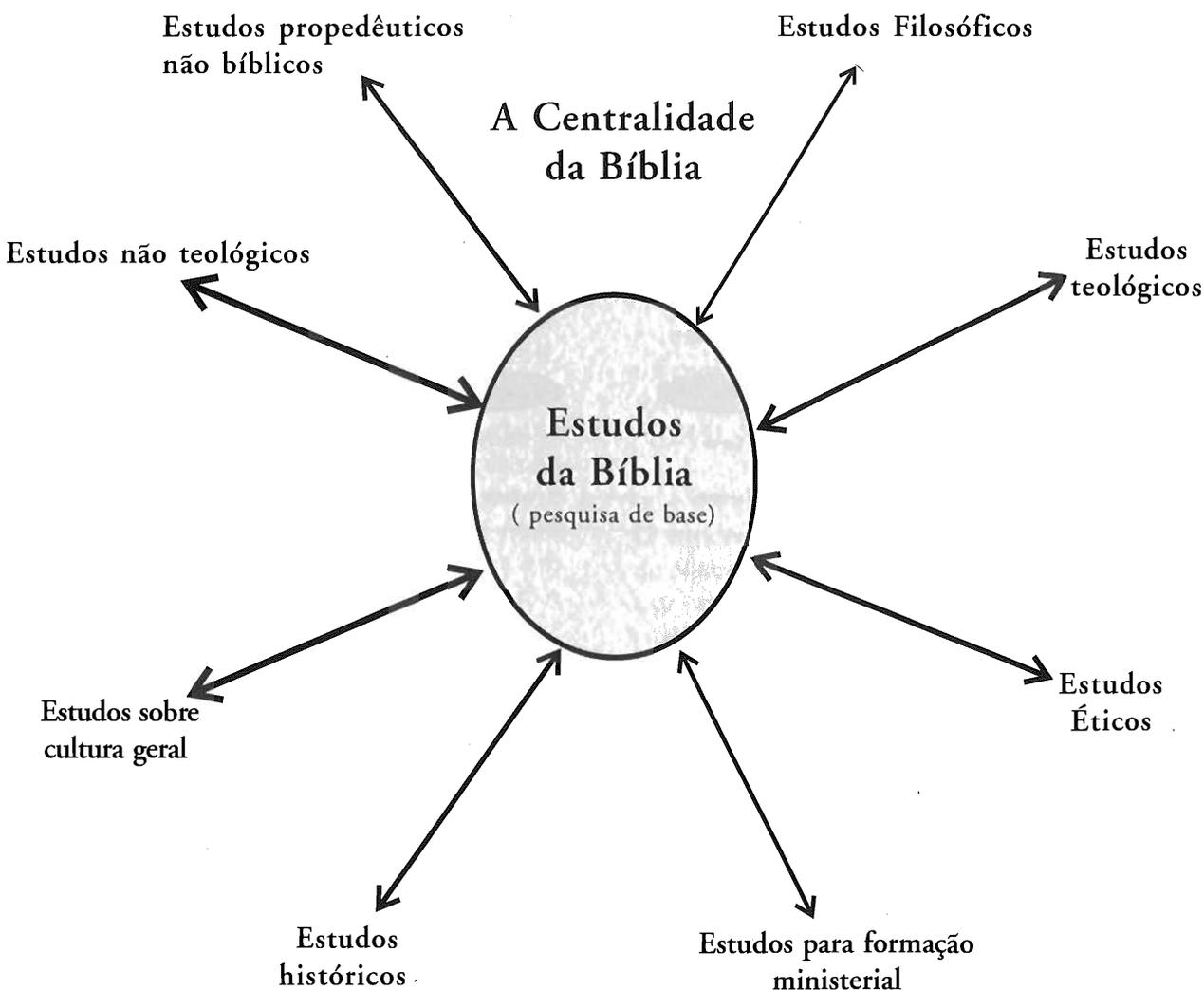
2. Em muitas obras de avaliação à Teologia da Libertação percebi que estudiosos afirmaram que os teólogos da Libertação buscaram compreender as questões humanas à luz da realidade e depois tentaram reinterpretar os referenciais bíblicos à luz desta

compreensão. Hoje temos um mundo em convulsão, secularismo, relativismo, sem referência, e à nossa geração foi deixada a possibilidade de negar a culpa.

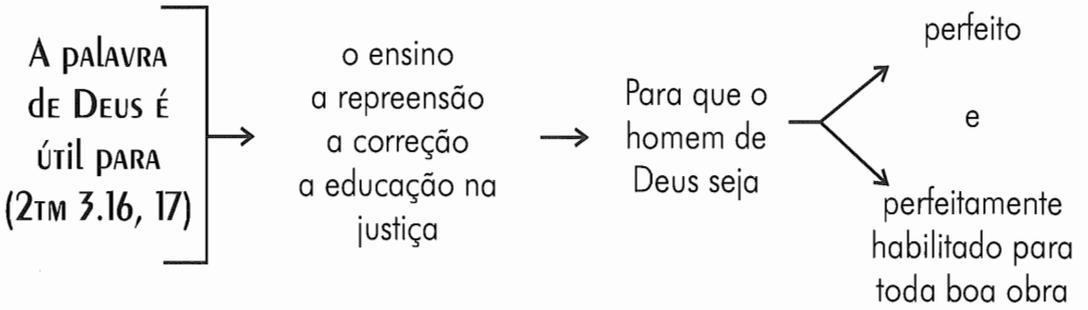
3. Se a Palavra de Deus for apenas um referencial entre outros, não será colocada como ponto de partida para a ETM.

4. A vontade de Deus está revelada nas Escrituras que são úteis para o *ensino*, para a *repreensão*, para a *correção* e para a *educação na justiça*.

5. A Palavra de Deus é a fonte para a PESQUISA DE BASE no campo do saber teológico cristão:⁷



⁷ O ponto de partida para os gráficos deste item me foram sugeridos pelo Dr. Hilmar Fürstenau na palestra "A Importância do Ensino das Línguas Originais no Seminário", proferida em 6.6.1992 na Faculdade Teológica Batista de São Paulo.

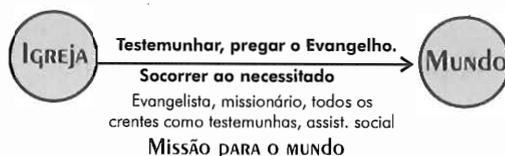


6. Neste caso, o estudo da Palavra de Deus é o centro de convergência e “divergência” para o currículo da ETM, gerando um contínuo fluxo de diálogo

entre ela própria, como ponto de partida e chegada, e os diversos ramos do conhecimento humano.



A MISSÃO DA IGREJA



1. Em geral, nutre-se a concepção de que a formação teológica e ministerial visa, entre outras coisas, formar o obreiro para o desempenho de seu ministério na igreja. Já ouvi a afirmação de que os seminários desempenham uma tarefa que pertence à igreja e, assim, nem deveriam existir. Mas sabemos a função estratégica desempenhada pelos seminários. Neste caso, será preciso estudar a finalidade da existência da igreja para que formemos obreiros adequadamente para ela.

2. A pergunta *qual a missão da igreja?* geralmente tem sido respondida que é evangelizar o mundo perdido. Esta resposta tem seu transfundo na nossa origem no “**protestantismo conversio-nista**”⁸ trazido para cá pelos nossos fundadores. Dessa forma o crescimento da igreja, por exemplo, é medido numericamente. A vida da igreja local, suas tarefas, enfim, sua mensagem acaba sendo direcionada pelo enfoque de apenas evangelizar o mundo perdido. Esta **visão salvacionista** acabou por polarizar a concepção da missão da igreja apenas voltando-se ao mundo na busca da conquista das almas dos perdidos. Assim a missão da igreja *voltada ao mundo pode ser ilustrada:*

3. Afirmar isso é reduzir e polarizar a ampla dimensão da missão da igreja a apenas uma de suas facetas.

3.1 Já que pertencemos à igreja, um bom ponto de partida seria ampliar a resposta à luz dos objetivos de nossa criação e da nossa salvação. Neste caso nossa busca é **teleológica**. Para que existimos? para que somos chamados à salvação? Só para possuímos a segurança do céu?

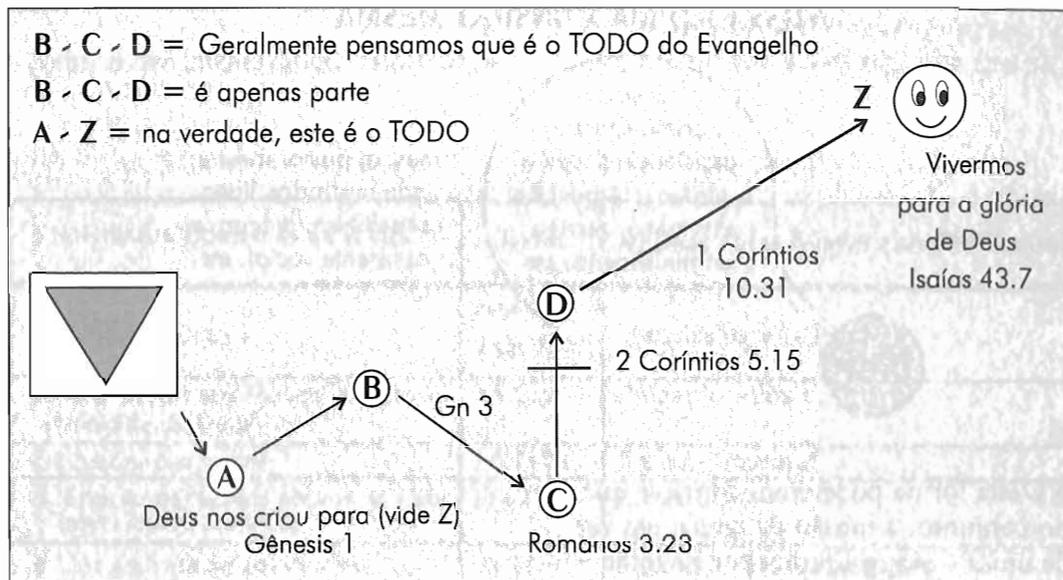
3.2 A resposta é encontrada quando retornamos na história até a ocasião da criação e queda do homem no Éden.

a. Fomos criados para glorificar a Deus (Isaías 43.7), vivendo sob Sua dependência, alegrando-O e lhe sendo leais. Esse era o nosso papel na criação.

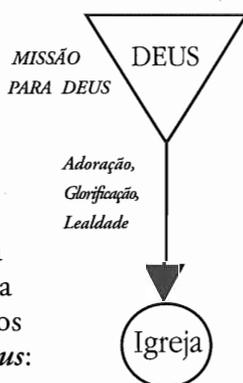
b. A queda consistiu na declaração de independência do homem contra Deus. Agindo assim, o homem se rebelou e se distanciou do propósito original do qual foi criado – deixou de glorificar a Deus (Romanos 3.23).

⁸ Para mais detalhes sobre esta tipologia do protestantismo no Brasil veja: Lourenço Stelio Rega, *A educação teológica batista no Brasil: uma análise histórica de seu ideário na gênese e a sua transformação no período de 1972* [dissertação de Mestrado], São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, abril de 2001, pgs. 40ss; Walter Altmann, *Lutero e libertação*, São Paulo: Ática & São Leopoldo: Sinodal, 1994, pgs. 90 e 95, 121-123; Jether Pereira Ramalho, *Prática educativa e sociedade – um estudo de sociologia da Educação*, Rio de Janeiro: Zahar, 1973, pgs. 47-68; Cândido Procópio Ferreira de Camargo, *Católicos, protestantes, espíritas*, Petrópolis: Vozes, 1973, pgs. 105-157; Antônio Gouvêa de Mendonça, *O celeste porvir – a inserção do protestantismo no Brasil*, São Paulo: Paulinas, 1984, pgs 43ss; Antônio Gouvêa Mendonça & Prócoro Velasques Filho, *Introdução ao protestantismo no Brasil*, São Paulo: Loyola, 1990, pgs. 13-46. Veja também o artigo de Antônio Gouvêa Mendonça “Panorama atual e perspectivas históricas do protestantismo no Brasil” in: *Simpósio*, São Paulo: ASTE, ano XXXIII, n. 42, pgs. 32-51, outubro de 2000.

O diagrama a seguir ilustra todo esse processo:⁹



c. A salvação, por intermédio de Jesus Cristo, nos recoloca neste estado original do qual nos desviamos em Adão. Se é a vontade de Deus que vivamos neste estado renovado de vida, é vontade de Deus também que ele se concretize coletivamente em nossa comunidade eclesial e, assim, podemos concluir que a comunidade dos salvos – a igreja – existe também para glorificar a Deus. Assim, temos a missão da igreja *voltada a Deus*:



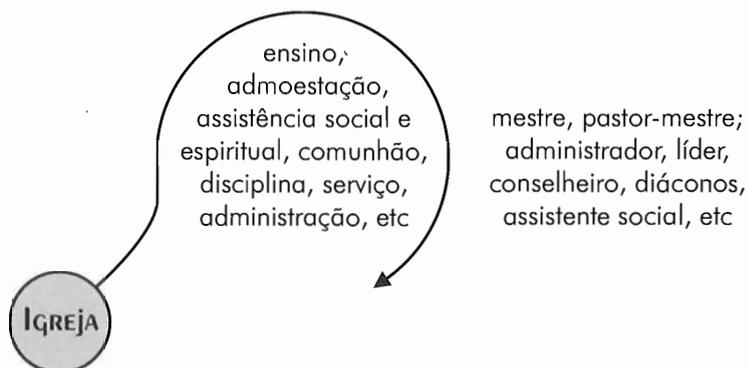
4. Ora, adorar a Deus inclui muito mais que culto, louvor e liturgia. Inclui lealdade à Sua vontade, vida de serviço, de cooperação e convivência comunitária. Embora esse aspecto da vida seja desenvolvido pelo indivíduo, na somatória acaba envolvendo a própria comunidade e

não é difícil deduzir que isso requererá constante manutenção. Desta forma podemos concluir que a missão da igreja inclui mais um aspecto que está diretamente relacionado com a sua própria comunidade. É a igreja promovendo a sua própria manutenção e fortalecimento para que seus membros tenham uma vida dedicada à comunidade, ao seu trabalho e desenvolvimento, ao treinamento para o serviço e testemunho ao mundo. Aqui está incluído também o treinamento operacional dos crentes, a administração, a admoestação, o ensino da Palavra, a assistência espiritual e material aos “domésticos da fé” (Gálatas 6.10), a manutenção da própria convivência ou comunhão na igreja do primeiro século (Atos 2.42-47; 4.32,35).

⁹ Esse diagrama foi inspirado em DeVern Fromke, *O supremo propósito*, São Paulo: ELO, 1980.

Assim, temos a missão da igreja voltada a si mesma.

MISSÃO PARA CONSIÇO MESMA



5. Desta forma poderemos concluir que, no conjunto, a missão da igreja, em vez de única – evangelização, por exemplo – é *tríplice*. É direcionada a *Deus*, a *si mesma* e ao mundo. Assim temos:

MISSÃO TRIDIMENSIONAL DA IGREJA



6. Teologicamente essa maneira tridimensional de focar a missão da igreja pode ser chamada de *MISSÃO HOLÍSTICA*¹⁰ ou integral da igreja. A expressão holística vem da palavra grega *ολος*, que significa "todo, inteiro". Essa visão holística representa uma visão integral da missão da igreja, pois abrange outros aspectos e implicações que uma visão polarizada

(parcial) deixa de lado.

7. Uma implicação prática da aceitação da missão holística da igreja é a ampliação da visão ministerial. Pois assim, teremos na igreja não apenas evangelistas, missionários, pastores e *leigos serviciais*.

7.1 A igreja terá um ciclo de atividades con-

¹⁰ Infelizmente a palavra "holística" nem sempre é bem entendida desta forma, uma vez que foi assumida pelo movimento "Nova Era", com nova semântica. Desta forma estamos utilizando atualmente a expressão "Missão Integral da Igreja".

tínuas envolvendo diversas áreas de atuação, bem como uma descentralização operacional e, conseqüentemente, de pessoas.

- Assim, o crescimento da igreja será integral

envolvendo diversas áreas e não apenas umas poucas, como evangelização, pregação, etc. Veja a seguir uma tabela ilustrativa das *atividades contínuas da igreja*. Compare-a com o gráfico anterior:

ATIVIDADES CONTÍNUAS DA IGREJA	TEXTOS	ALGUMAS ÁREAS MINISTERIAIS ENVOLVIDAS
a. Adorar a Deus	<i>Atos 2.42ss</i> <i>1 Co. 10.31</i>	Música Sacra - Pastoral
b. Admoestar aos crentes quanto à vontade de Deus	<i>Hb 1.:25</i>	Pregação - Ensino
c. Ensinar os crentes	<i>Mt 28.20</i>	Ensino - Pastoral
d. Treinar os crentes para uma vida operacional frutífera	<i>Ef 4.11,12</i>	Ensino Pastoral
e. Dar assistência aos crentes 1. Espiritualmente 2. Materialmente	<i>Gl 6.1 -10</i>	Pastoral - Aconselhamento Assistência Social - Diaconato
f. Promover comunhão ou convivência (no gr. <i>κοινωνία</i>) entre os crentes	<i>At 2.42 -47;</i> <i>4.32</i>	Pastoral
g. Administrar seus negócios	<i>Rm 12.8</i> <i>1 Co. 12.28</i>	Administração
h. Proclamar o Evangelho aos não crentes	<i>Mt 28.19</i>	Apostolado (Missões), Evangelização, Todos os crentes (como testemunhas <i>At 1.8</i>)

8. Este enlace lembra-nos que na ETM devemos focar a igreja à luz de sua missão integral. Ela não pode ser vista apenas como agência de evangelização, por exemplo. Respostas na Palavra de Deus para o cumprimento dos diversos enfoques da missão da igreja precisarão ser abordados na ETM. Por exemplo, qual o papel da igreja em relação à ação, ao serviço e assistência social. Além disso a Teologia deixa de ser soteriocêntrica, para ser teocêntrica em seu enfoque teleológico, cristocêntrica em seu caráter interpretativo e pneumatocêntrica em seu caráter operacional.

A MISSÃO DA PESSOA

1. Devido à visão tridimensional da missão da igreja, vista no enlace anterior, já foi possível observar que ela possui diversos ministérios ou esferas de ação.

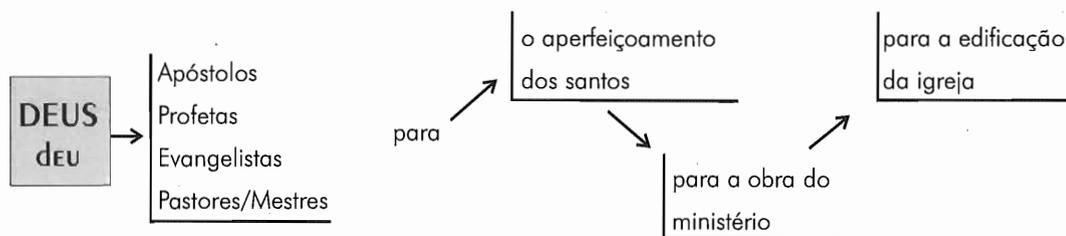
2. Esses ministérios aparecem muito cedo, tanto em Jerusalém quanto no desenrolar dos primeiros passos da igreja em sua expansão, principalmente entre os gentios.

2.1 Segundo o livro de Atos (6.1-6) os doze eram assistidos pelos sete para que pudessem se consagrar à oração e a ministração da palavra, enquanto aqueles cuidariam da assistência social da igreja.

2.2 Em Jerusalém (Atos 11.30) temos também a existência de presbíteros, mesmo antes de Paulo apresentar as suas qualificações a Tito e a Timóteo. Neste trecho de Atos os apóstolos nem são mencionados, talvez por estarem fora em viagem missionária, e, assim, a liderança da

igreja ficaria sob o comando dos presbíteros. É interessante notar aqui que não havia apenas um presbítero na liderança da igreja local do NT, mas presbíteros, indicando *descentralização de poder*.

3. Vemos, assim, já na igreja do NT a existência de líderes e liderados e o texto chave que indica esse fato é Efésios 4.11-16 e à luz deste texto é possível traçar o seguinte gráfico descrevendo a igreja em sua orientação por processos e resultados:



Assim, na formulação da Razão de Ser/ Missão/Visão das instituições de ensino teológico e ministerial é necessário que reavaliemos essas ponderações para que o serviço prestado às igrejas resulte em obreiros qualificados (perfeitos e perfeitamente habilitados para toda boa obra – 2 Tm 3.17), para que a igreja cumpra também a sua Razão de Ser/ Missão/Visão adequadamente.

1. Para que, então deve existir o apóstolo, o profeta, o evangelista e o pastor-mestre? A partir do v. 12 temos a resposta:

1.1 Para o aperfeiçoamento (gr. *καταρτισμος*, preparo, equipamento, conserto de redes, tornar algo no que deve ser) dos santos;

1.2 Para que os santos, depois de devidamente preparados, possam desempenhar seu serviço;

1.3 E, assim, ocorra a edificação da igreja.

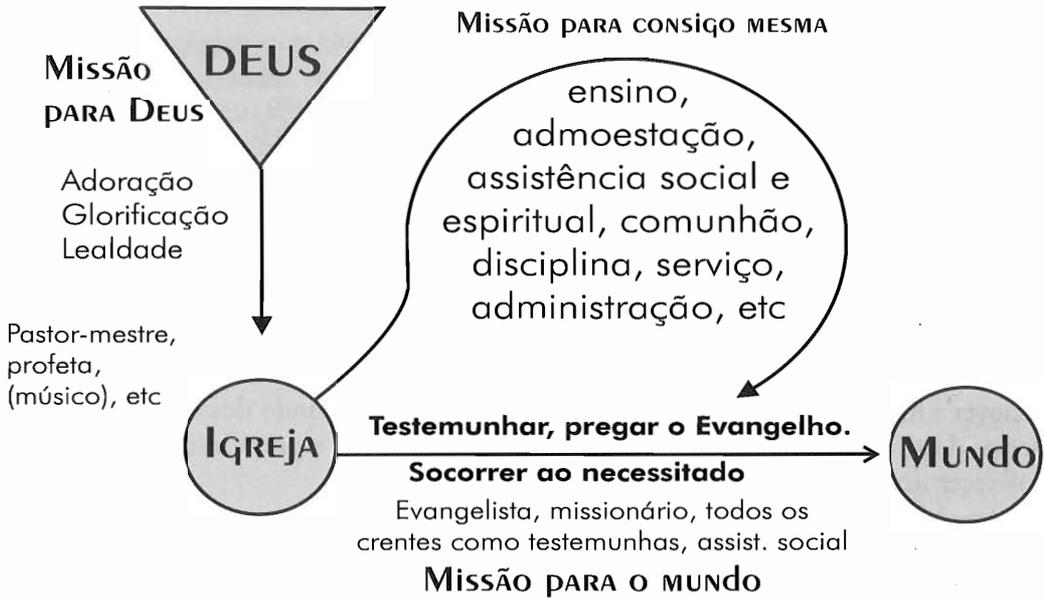
2. E os liderados quem são? Paulo em Romanos 12.6-8 menciona representativamente alguns deles: *ministérios* (gr.

Διακονία, que é a tarefa do diácono), ensino, exortação (talvez aconselhamento), exercício da misericórdia (talvez assistência social), etc.

No enlace anterior falamos sobre a missão

holística da igreja e aqui poderemos dar um caráter prático ou funcional, isto se relacionarmos as diversas tarefas da igreja à sua própria missão e assim poderemos ilustrar essa integração *ministérios/missão* com a seguinte figura:

MISSÃO TRIDIMENSIONAL DA IGREJA



7. Um conceito preocupante é o conceito de distinção entre o clero e leigos que alguns fazem ao crer, ainda que inconscientemente, que nós pastores somos mais importantes que nossas ovelhas. No Novo Testamento não há essa distinção. Podemos estar na liderança do povo de Deus, mas isso não nos faz melhores. Aliás o vocábulo *leigo* vem do grego λαϊκος (que vem de λαος, povo) que significa *alguém do povo*. Se a igreja é o povo de Deus (1 Pedro 2.9,10) todos nós somos leigos, isto é, pertencentes ao povo de Deus.

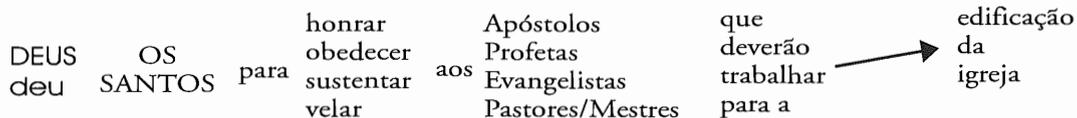
7.1 sobre isso Ray C. Stedman afirma que:

...veio uma transferência gradativa de responsabilidade do povo para o que foi denominado de clero ... o conceito bíblico de que todo crente é um sacerdote diante de Deus foi se perdendo aos poucos, surgindo um corpo especial de super-cristãos que eram procurados praticamente para todos os fins e, assim, acabou sendo chamado de ministério (ou o pastorado). Agora, Efésios 4 deixa bem claro que todos os cristãos estão nos ministérios. A tarefa própria dos quatro ministérios de apoio é

treinar, motivar e servir de suporte às pessoas no trabalho de seu próprio ministério. Quando o ministério foi, portanto, relegado aos profissionais, não sobrou nada para as pessoas fazerem a não servir à igreja e ficar escutando. dizia-se-lhes que era sua responsabilidade trazer o mundo para dentro do edifício da igreja, a fim de ouvir o pastor a pregar o Evangelho. Em breve o cristianismo se tornou nada mais, nada

menos, do que um esporte de espectadores, muito parecido com o futebol: 22 homens em campo desesperadamente precisando de descanso, e 20 mil nas arquibancadas, desesperadamente precisando de exercício.¹¹

7.2 Neste caso a interpretação de Efésios 4.11, contextualizada para hoje ficaria assim:

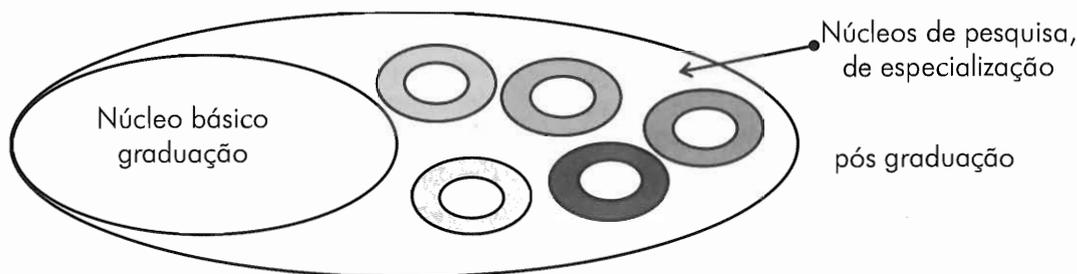


8. Este enlace desperta-nos para oferecer uma ETM diversificada que possa promover a formação do obreiro em seus diversos dons e talentos. Então, em vez de oferecer um currículo padrão seriado, o ideal poderia ser um currículo com um núcleo comum de matérias e diversos núcleos de especialização. Há algumas implicações para isso:

8.1 *Corpo docente:* O corpo docente

necessário para um projeto assim precisará ser maior do que o normal para atender a demanda dos diversos núcleos de pesquisa e especialização;

8.2- *Custo operacional:* O custo operacional desse projeto é elevado, uma vez que será inevitável classes com poucos alunos devido a oferta de alternativas de formação aos alunos. Veja gráfico a seguir:



¹¹A Igreja – Corpo Vivo de Cristo, São Paulo: Mundo Cristão, 1974, p. 79,80

8.3 *Aspecto legal*: o atual momento da oficialização do ensino teológico no Brasil indica que se buscarmos a autorização para um projeto diversificado com áreas de especialização ou concentração, o Ministério da Educação poderá considerá-las como habilitações, criando uma fragmentação no processo de ingresso do curso, tornando-o inviável financeiramente;

8.4 *Educação continuada – uma solução*: Uma alternativa poderá ser criar um projeto pedagógico que contemple uma educação continuada, em que o aluno começa os seus estudos pela graduação (com um curso sem segmentação em áreas de especialização) e tenha oportunidade alcançar outros segmentos de sua formação através de outros cursos (cursos seqüenciais, pós graduação *latu sensu*, mestrado e doutorado).

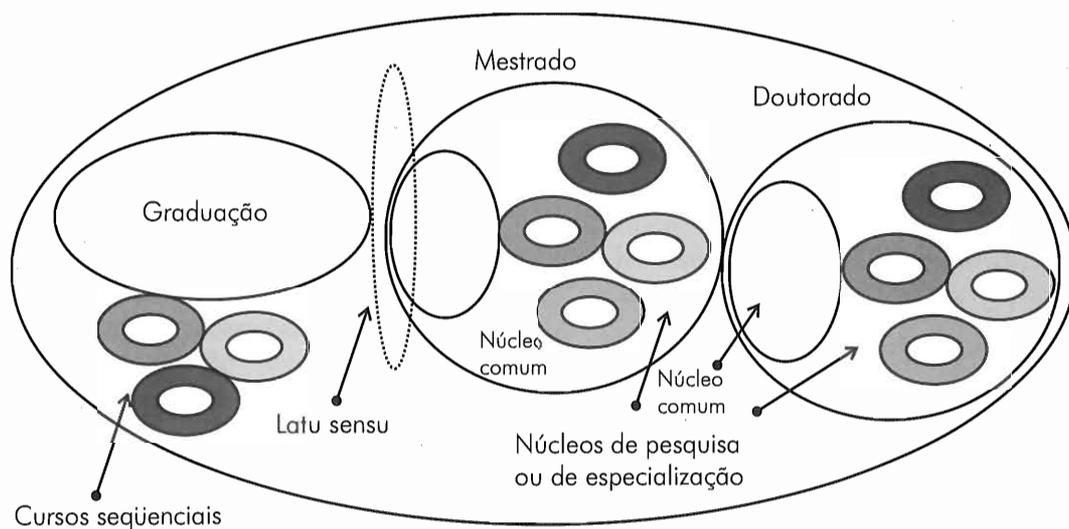
a. A **graduação**, irá fornecer ao aluno a habilitação essencial para a sua formação;

b. Os **cursos seqüenciais** poderão oferecer, em termos de capacitação, um ensino instrumental na formação do aluno em áreas específicas;

c. Os cursos no nível *latu sensu* conduzirão o aluno a um nível mais profundo no campo da pesquisa. É uma fase opcional, especialmente se o desejo do aluno não for de prosseguir no nível de *strictu sensu*, ou mesmo se quiser aperfeiçoar seus estudos num nível menor que o do *strictu sensu*;

d. Os cursos no nível *strictu sensu* (mestrado e doutorado) apontarão ao aluno a sua especialização. Assim teremos:

EDUCAÇÃO TEOLÓGICA CONTINUADA



O DESENVOLVIMENTO DA PESSOA

1. Como já vimos, o ministro deve ser perfeito e habilitado – 2 Timóteo 3.17; Efésios 4.15,16. Aqui pensamos no aluno como pessoa, como ser. Neste caso o projeto não deve considerar o aluno com a intenção de torná-lo mão de obra útil ao ministério, mas alguém que seja instrumentalizado ao trabalho e também que conheça o conteúdo básico da fé, ou mesma que consiga refletir. A preocupação é com o aluno quanto a tornar-se pessoa. O aluno é aqui considerado como um **sujeito histórico** participante da construção social da vida. O trabalho será focalizar a vida não como algo de consumo, mas como de um projeto a ser construído em seu cotidiano. O aluno deixa e ser um consumidor da realidade para ser participante em sua construção.

2. Quando pensamos no estudo teológico apenas focando o seu lado acadêmico para conduzir o aluno à compreensão da fé e sua reflexão, sem contudo considerarmos o seu desenvolvimento como pessoa, estaremos focando apenas as suas funções mentais e cognitivas. Se o aluno é um todo, não poderemos pensar em apenas parte dele. Vamos lembrar que o Evangelho é integrador da vida. Nesse caso será bom alistar alguns perigos do academismo teológico.

2.1 Dr. Daniel Ciobotea pergunta se a teologia acadêmica é a única teologia na igreja. A sua resposta informa que a maioria dos estudiosos do mundo de hoje (se não na teoria, mas na sua mentalidade) atuam mais ou menos dentro da

concepção ocidental da escolástica medieval da teologia: *fides querens intellectum* – busca da compreensão intelectual. Esta definição, sem ser totalmente incorreta, é, entretanto, restritiva e unilateral, porque ela reduz ou limita o conhecimento teológico da fé em sua dimensão intelectual ou racional; em segundo lugar, porque essa espécie de conhecimento parece ser um alvo em si mesmo...uma conseqüência desta compreensão escolástica da teologia, é que a espiritualidade, a liturgia e a vida de piedade em geral são consideradas à distância no trabalho teológico em seu próprio sentido ou *locus theologicus*, muitas vezes são apenas classificados como assuntos devocionais.¹²

2.2 O desenvolvimento da Pessoa – O prof. Robson Ramos afirma que “igualmente negativo pode ser o surgimento de uma elite pensante que não vai além da sua retórica, ainda que correta e necessária ... a reflexão sem ação carece de autoridade que vem da praxes onde a reflexão é testada.”¹³

Neste artigo ele cita Os Guinness

*Os pensadores cristãos muitas vezes se aproximam mais de pessoas cultas que desprezam a fé, que de seus irmãos cristãos; o conhecimento dos especialistas é perseguido como um fim em si; o conhecimento especializado (que somente os especialistas podem entender) cria uma distância entre os especialistas e as pessoas comuns.*¹⁴

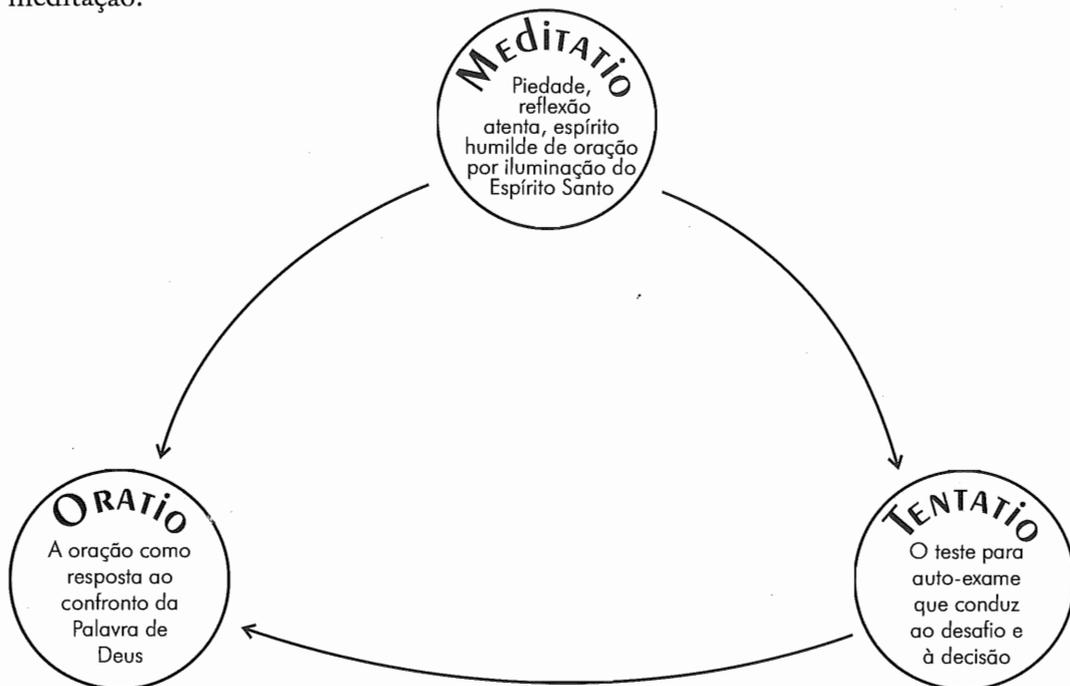
3. Peter, o barbeiro de Martinho Lutero, perguntou-lhe, em 1535, sobre linhas mestras a respeito da oração. Em resposta,

¹² Spiritual Theological Formation Through the Liturgical Life of the Church, *Ministerial Formation*, Genebra, (47), out 1989, p.12.

¹³ A Mente Cristã: Uma Reflexão, *Boletim Teológico*, Fraternidade Teológica Latino-Americana-Seção Brasil, Porto Alegre, 5 (15), junho de 1991, p. 31.

¹⁴ OS GUINNESS, A Missão frente à modernidade, *Boletim Teológico*, Fraternidade Teológica Latino-Americana-Seção Brasil, São Leopoldo, 4 (11), abril de 1991, p. 14 apud ibidem.

Lutero alistou três regras que constituem um básico método de oração e meditação:¹⁵



4. Neste enlace a ETM deve contemplar o desenvolvimento integral da pessoa:

4.1 Na arte de refletir, pensar e descobrir as razões da realidade da vida e da sua fé. 1 Pedro 3.15

4.2 Na piedade. 1 Timóteo 6.3-16

4.3 No caráter (2 Timóteo 3.17). Penso que os maiores dilemas do ministério têm sido na área do caráter.

4.4 Na formação de uma cosmovisão cristã e na compreensão da realidade existencial – conhecendo o mundo e a realidade em que vive. O prof. Robson Ramos afirmou que “quando um indivíduo se converte a Cristo ele traz

consigo para a “nova vida” uma bagagem cosmovisional assimilada durante anos de vida desde a mais tenra idade, que, a partir da conversão ao evangelho, precisa ser reavaliada e reconstruída com premissas fundamentais nas Escrituras.”

2.A estrutura funcional da ETM deve, então, abranger a formação pessoal do aluno provendo disciplinas, oportunidades e suporte para o desenvolvimento do seu caráter.

Observações conclusivas desta parte.

Nesta parte vou citar a introdução do documento “Objetivos Educacionais” da Faculdade Teológica Batista de São Paulo, pertinente a este assunto.¹⁶

¹⁵ Consultation on Spiritual Formation in Theological Education a Brief Report, *Ministerial Formation*, Genebra, (47), out 1989, p. 4.

¹⁶ Faculdade Teológica Batista de São Paulo, *Manual de informações gerais - 1995-1996*. São Paulo: FTBSP, 1994. pgs. 79-84.

1. Formar o aluno, dando-lhe os instrumentos pelos quais possa chegar a ser um bom obreiro nas áreas do “ser”, “saber” e “fazer”. Assim o curso pretende abrir ao aluno o mais possível o leque dos conhecimentos, oportunidades e meios de serviço, bem como ajudá-lo a conhecer e desenvolver os talentos e os dons que o Espírito lhe deu.

2. Preparar o obreiro de tal maneira que possa combinar conhecimentos, atitudes, valores e habilidades com uma vida piedosa, a fim de que estes elementos combinados no obreiro sejam usados por Deus para capacitar a igreja a cumprir sua missão na sociedade.

3. Desenvolver o obreiro nas várias áreas de relacionamentos, conhecimentos, bem como habilidades de comunicação e trabalho com o povo, seja na igreja ou na comunidade em que esta igreja está inserida.

3.1 Desenvolver o obreiro em relação a Deus, a si mesmo, a outros e à sua missão.

3.2 Desenvolver no obreiro a compreensão das Escrituras e da fé cristã, bem como o conhecimento das habilidades necessárias para cumprir seu ministério.

3.3 Levar o aluno a adquirir as habilidades necessárias para comunicar a fé cristã, bem como para edificar a igreja e equipá-la para o serviço.

4. Formar o obreiro com a capacidade e a mentalidade de discipular os santos para desempenhar o serviço da igreja.

A luz destes pressupostos cabe-nos transportá-los à realidade de nossos seminários e formulando o modelo ideal e integral que devemos ter para o cumprimento de nosso trabalho educacional.

Discutindo o centro da educação teológica e ministerial

Aqui desejo falar sobre qual o ponto de convergência no qual todas as práticas educacionais têm origem. Qual a nossa preocupação central quando vamos modelar o projeto educacional? O que deve ser o referencial que norteará o sistema educacional que vamos construir (Objetivos educacionais, currículo, espaço físico, estratégias didáticas, relacionamento professor/aluno, etc.). As tendências mais conhecidas são:

a. Visão tradicional: ensino centrado no conteúdo/professor;

b. Visão skinneriana: ensino centrado no processo, no estímulo-reposta (E-R);

c. Visão roggeriana: ensino centrado no aluno;

d. Visão freireana: ensino centrado na participação política do aluno como sujeito;

e. Visão cristã: ensino centrado em Deus e sua vontade como currículo e conteúdo da vida do professor e aluno; ênfase na autenticidade da vida do aluno e do professor; a vida do professor como modelo para a do aluno; ênfase no aluno como discípulo e no professor como mestre ou discipulador; ênfase na integração teoria/prática; ênfase na operacionalidade do aluno como instrumento do reino de Deus na sua vivência; etc. Neste sentido, há não apenas a **informação**, mas a **formação** e a **transformação** da pessoa:

IN

FORMAÇÃO

TRANS

Filosofia fragmentária de ensino – dissociação entre a teoria e a prática?

Outra discussão dentro dos pressupostos do trabalho educacional está na dicotomia entre o ensino teórico ou abstrato e o ensino calcado no treinamento prático ou operacional. Esta última ênfase tem como pressuposto que as pessoas devem ser preparadas para a vida prática, para serem úteis a sociedade, criando um sistema instrumental de educação em que enfatiza o cidadão útil e domesticado. Enquanto que a primeira ênfase defende que qualquer prática precisa de teoria. O sujeito é também um ser pensante. Por trás destas duas tensões dialéticas há a discussão em que se aborda a questão de desenvolvermos um sistema de ensino (reprodutivista, utilitário e instrumental – hoje conhecida como educação profissional), ou um sistema de pesquisa (desenvolvimento de descobertas, reflexão, etc.). A verdade é que em vez de pensarmos que essas duas ênfases estão numa posição dicotômica, poderíamos imaginá-las como necessárias à formação integral e integrada da pessoa. Então, elas não estão em oposição, mas devem ser integradas, interligadas. Afinal,

toda prática é produto de uma hipótese teórica. Mesmo que não admitamos, somos influenciados por alguma ou algumas ideologias (de fundo abstrato) presentes na cultura em que vivemos. Por outro lado, a teoria apenas nos levaria a uma contemplação monasterial e inócua. Cabem aqui algumas indagações concretas:

1. Lições teóricas despidas de prática: na ministração de diversas disciplinas no âmbito teológico corre-se o risco de se ficar na abstração – Teologia Sistemática, História da Igreja, Línguas originais / exegese, etc.
2. Um exemplo concreto: recebi para análise a literatura que uma igreja utilizava para o ensino na Escola Bíblica Dominical. Logo notei que as lições tinham apenas o enfoque literário sobre a Bíblia. O aluno ia seguindo uma seqüência de estudos de modo que primeiro tinha de aprender sobre a Bíblia, Teologia, para depois aprender a viver. Fiquei pensando que o novo convertido precisaria “congelar” a realidade de vida,

das decisões, até aprender sobre ... Hoje é muito comum a compreensão da **interdisciplinaridade** em que diversas áreas do saber estão interligadas.

3. O projeto pedagógico da denominação é fragmentado? É bem provável que muitos líderes e igrejas nem saibam se a denominação tem um projeto pedagógico. Eu mesmo estou procurando descobrir isso e não tenho encontrado. Na realidade temos um conjunto de projetos educacionais desconectados. Tenho a impressão que os, de modo geral, seminários não seguem uma linha pedagógica clara. No âmbito da educação religiosa, cada organização segue seu rumo. Nesse sentido poderíamos concluir que o sistema educacional da denominação é orientado por organizações. Mas nem as próprias organizações não estão integradas, cada uma faz o seu trabalho separadamente, tem seu calendário próprio. A própria Educação Teológica nem sempre tem um rumo definido a seguir. Cada seminário procura seguir o seu próprio rumo.

Estes são apenas alguns exemplos da desintegração educacional que deve ser objeto de nossa preocupação como educadores.

Qual o rumo a ser seguido – o dos conteúdos ou o dos objetivos educacionais e valores cristãos?

Este é outro item que precisa ser discutido no campo das pressuposições educacionais. Ele diz respeito à construção de todo

processo educacional (currículo, plano de curso, plano de aula, conteúdo, carga horária, avaliação, etc.). Em termos gerais a educação pode ser orientada ou direcionada, entre outras alternativas, por objetivos educacionais/valores ou por conteúdos.

1. *Por conteúdos*: seguir um currículo e conteúdo emprestado ou imposto de fora; é o sistema atual adotado na maioria das igrejas no Brasil, em termos de educação religiosa.

2. *Por objetivos educacionais e valores cristãos*: os objetivos indicam onde devemos chegar, que fins devemos atingir; os valores indicam nossas prioridades e o que valorizamos. Neste caso temos:

2.1 *Objetivos gerais da educação cristã*: são os objetivos obtidos no levantamento bíblico sobre os fins da educação cristã.

a.compreensão doutrinal das Escrituras;

b.compreensão literária das Escrituras;

c.compreensão e vivência ética das Escrituras;

d.compreensão e vivencia experiencial cristã à luz das Escrituras;

e.treinamento operacional do cristão no desempenho do seu ministério

2.2 *Objetivos contextuais da educação cristã*: são os objetivos obtidos no levantamento do ambiente da sua aplicação. Cada igreja local está inserida num ambiente e vive uma realidade cultural específica.

a. análise dos fenômenos sociais, culturais, econômicos e religiosos do contexto à luz dos princípios bíblicos. Isso envolve o *Zeitgeist* (espírito de época) e a

sua influência no cotidiano (ex.: pragmatismo, existencialismo como forças filosóficas de nossa era; globalização, etc);

b. busca de respostas aos dilemas contextuais da comunidade;

c. interpretação ética do contexto e estabelecimento da conduta ética específica para o contexto;

d. treinamento específico do cristão no desempenho do ministério contextual;

2.3 a busca dos objetivos contextuais da educação é obtida através do levantamento descritivo do público-alvo para se estabelecer o seu perfil. A nossa pergunta será: quem é o membro da nossa igreja? quais as suas características? quais são os seus dilemas? quais são os seus objetivos pessoais? Esses objetivos contextuais devem ser interpretados à luz dos gerais e servem para referenciar o processo educacional ao contexto. Enfim, associando-se esses dois objetivos, se obtém uma educação contextualizada que influenciará a estruturação de todo sistema educacional-curriculo, conteúdo, didática, avaliação, etc.

2.4 se seguirmos o modelo de Benjamin Bloom,¹⁷ depois de feito levantamento dos objetivos educacionais (gerais e contextuais) prepara-se uma taxionomia de objetivos educacionais que norteará o planejamento da grade curricular e do conteúdo, bem como da integração deste conteúdo entre as diversas classes e diversos setores educacionais da igreja, ou do seminário.

Como vimos, não se pode fazer educação teológica, criando mais classes, novos cursos, usando esse ou aquele recurso

didático. E na igreja local, arranjando temas diversos, novos livros para serem estudados, ou mesmo reescrevendo toda literatura que será utilizada na estrutura educacional da igreja, mudando o horário da EBD, fazendo uma campanha de frequência, concurso bíblico, etc. Será preciso estabelecer quais objetivos que funcionarão como pressupostos para direcionar todo o projeto educacional. Esses pressupostos nortearão a ser seguido, a elaboração da missão e da política de qualidade do seminário, além de seus objetivos básicos a serem conquistados. Após isso será possível traçar um plano de metas e um cronograma a serem cumpridos.

Me preocupa também como alguns seminários fazem alteração curricular como se troca de roupa, incluem, subtraem disciplinas, alteram a carga horária. Isso é uma abordagem conteudista, empírica e bem amadora da educação. Se temos uma educação orientada por objetivos educacionais e valores, os ajustes ou alterações curriculares precisarão corresponder a esses objetivos e valores.

Currículos entrópicos ou sinérgicos?

Um currículo não é apenas uma lista de matérias distribuídas por um período cronológico que será oferecido pela Escola para que, ao final de seu cumprimento, o aluno obtenha um diploma. Como já vimos, existem inúmeras forças impulsoras ou não que orientam um currículo e a sua elaboração. Essas forças modelam o enlace que haverá ou não entre as diversas disciplinas que compõe

¹⁷ Sobre a abordagem de Bloom veja, Benjamin Bloom *et alli*, *Taxionomia de objetivos educacionais*, Rio de Janeiro: Globo, 1973 (volume 1: Domínio cognitivo; volume 2: Domínio afetivo). Sobre as diversas teorias de objetivos educacionais veja, Ivor K. Davies, *O planejamento de currículo e seus objetivos*, São Paulo: Saraiva, 1979.

um currículo e o seu funcionamento.

Há diversas maneiras de descrever este fenômeno ideológico, aparentemente invisível, que existe por trás de um currículo. Lendo um livro sobre administração¹⁸ quando tratava de dois tipos gerenciais (entrópico e sinérgico), procurei imaginar essa abordagem na avaliação curricular.

Assim, podemos dizer que escolas **entrópicas**, são as que enfatizam apenas a sua dimensão prática ou pragmática e buscam gerenciar de forma racional seus "recursos humanos". Desta forma, elas têm sido bruscamente confrontadas com uma realidade mais ampla, mais complexa e diversificada. De forma impulsiva essas escolas progressivamente se fecham, se isolam do contexto maior, chegando a acreditar *que aquilo que não se compreende não existe - o mito do avestruz*. O fechamento de qualquer sistema implica menor comunicação e troca de informações com o ambiente, o que conduz gradativamente a níveis cada vez mais altos níveis de **entropia** e desagregação. Diversamente, as escolas **sinérgicas** tem uma arquitetura sistêmica flexível e adaptável. O que se observa é que os currículos entrópicos acabam se tornando um fim em si mesmo e os sinérgicos um meio para se conquistar os fins propostos na declaração de objetivos educacionais da Escola, que também deverão ser sinérgicos.

Currículos Entrópicos

* enfatizam apenas uma dimensão da formação do aluno. Ex. : prática, ou teórica, etc.

* são confrontados com uma realidade mais ampla, mais complexa e diversificada

* estrutura curricular fechada, isolada do contexto maior

* menor comunicação e troca de informações com o ambiente

* aquilo que não se compreende não existe - mito do avestruz

* "produto final" fechado

* ciclo vicioso: currículos e escolas entrópicas conduzem o processo a níveis mais altos de entropia e desagregação

* conseguem sobreviver apenas em regime de monopólio ou cartelização

Currículos Sinérgicos

* são capazes de se comunicar tanto com o seu público interno (professores, denominação), quanto com o externo (igrejas, sociedade)

* Flexíveis, dinâmicos e equilibrados

* Preparados para as alterações (demandas e ameaças) do contexto

* Formação adequada e equilibrada

Professores Sinérgicos

* maturidade pessoal

* abertura para recebimento de crítica, participação dos alunos

* capacidade para auto-reflexão

* capacidade de integração de polaridades, sabendo evitar os extremos

* capacidade de se libertar de papéis estereotipados (opressor, defensor etc)

* capacidade de equilibrar entre as pessoas e as tarefas equilíbrio entre pragmatismo, existencialismo, conhecimento, etc.

Que tipo de educação teológica almejamos para o futuro? Entrópica, ou sinérgica?

A visão estrutural da educação planejada

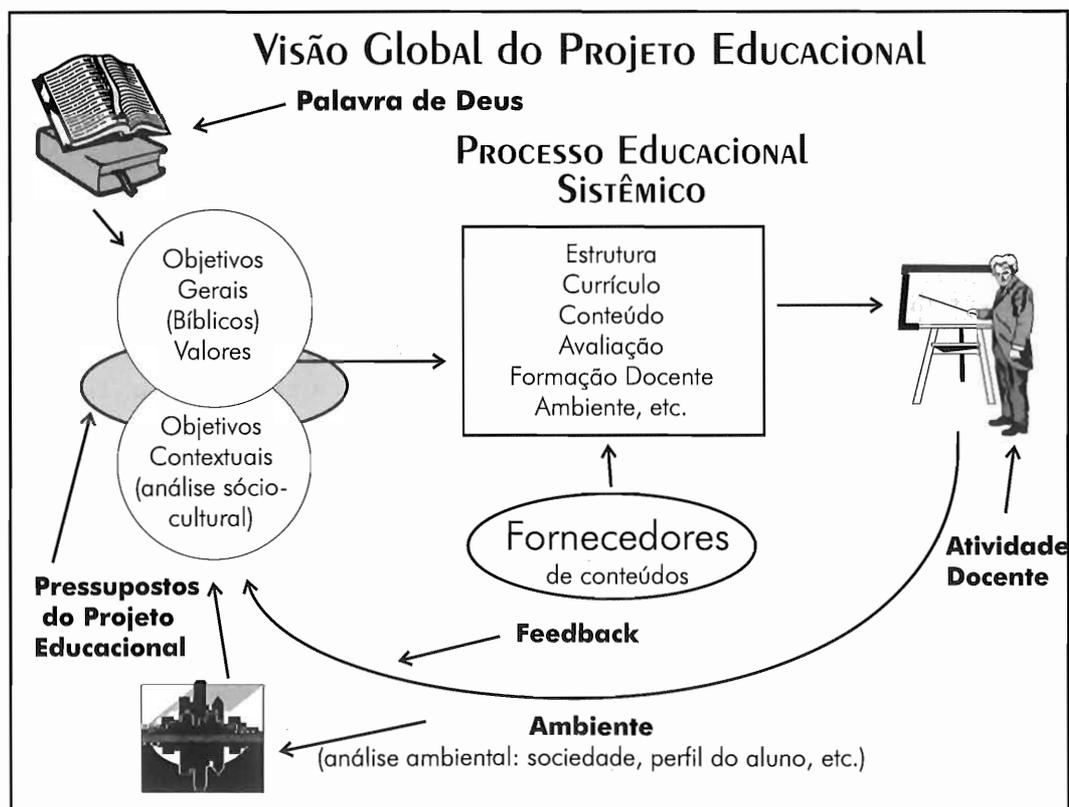
Já vimos alguns aspectos importantes da fundamentação que alicerça o projeto

¹⁸ Roberto Ziemer, *Mitos organizacionais - o poder invisível na vida das empresas*, São Paulo: Atlas, 1996.

educacional que deve ser implantando num seminário. Agora chegou a hora de demonstrar os diversos componentes que devem estar contidos no sistema educacional que poderá ser **implantado em paralelo** sem convulsionar o processo e sistema educacional existente. Assim, evitando criar turbulências no cotidiano escolar já existente, será preciso elaborar e implantar o Plano Diretor Educacional do seminário. Esse método de implantação em paralelo é prática comum no campo da informática, quando um novo sistema é implementado e implantado lado a lado com o sistema já existente. Entre outras vantagens, a implantação em paralelo não interrompe o atendimento que o sistema

atual oferece, além disso, aproveita nele o que de bom existe e com ele aprende a entender o contexto. À medida que o Plano Diretor implementa novos processos, os atuais lhe são agregados dentro da nova abordagem. Na realidade o que estamos fazendo é uma **reengenharia dosada da educação**.

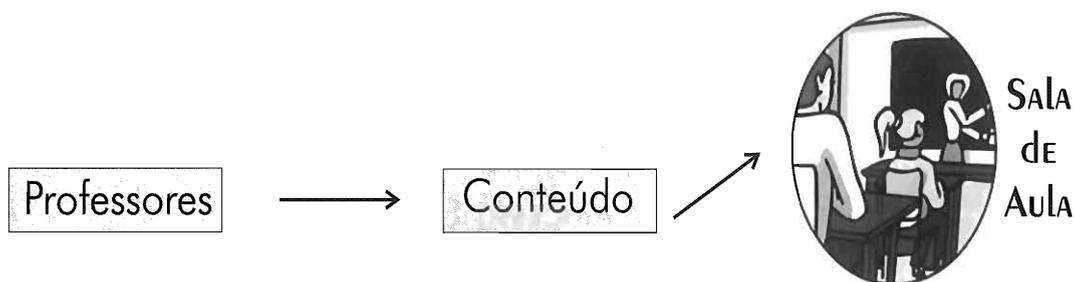
Pois bem, com base em toda fundamentação até aqui exposta, que deverá ser considerada pela equipe pedagógica do seminário, será preciso agora responder a pergunta *como poderemos desenhar ou planejar a estrutura do Plano Diretor Educacional do Seminário?* O gráfico a seguir resume essa estrutura.



Lembrando que o nosso projeto está construindo a nossa realidade através de uma educação orientada por objetivos educacionais e valores cristãos, devemos então, partir deles e dos pressupostos filosófico-políticos-educacionais para reconstruir a estrutura do sistema, o currículo que será adotado por todos os setores educacionais do seminário (sendo, portanto, um currículo integrado e interdisciplinar), o conteúdo (aqui se incluem os Planos dos Cursos e os Planos das Aulas), que tipo de avaliação ocorrerá no processo educacional (docente e discente), como será a formação e capacitação do corpo docente, como deverá ser tratado o ambiente (sala de aula, equipamentos e recursos didáticos, etc.). Num processo sistêmico assim

gerado, cada disciplina não pode ser vista separadamente, mas num conjunto que segue sintonizado com os objetivos educacionais (gerais e contextuais) que foram propostos. Assim o professor não vai para a sala de aula apenas pensando em sua aula e no seu conteúdo, mas em como a sua aula irá completar todo o conjunto educacional do seminário.

Essa abordagem é radicalmente diferente daquela orientada por conteúdos que enfoca apenas o conteúdo das disciplinas e não todo o conjunto sistêmico educacional, gerando um processo educacional descontextualizado e desintegrado, que induz a uma intolerável redundância de conteúdo. Este tipo de abordagem poderia ser assim representada:



As bases do processo educacional proposto devem ser lançadas reconhecendo-se que a implantação do Plano Diretor é um processo que requer muita paciência de todos os participantes, principalmente considerando-se que o ideal é adotar-se uma administração por objetivos (APO) e co-participativa, isto é, uma administração que, não apenas gera atividades e eventos, mas que estabelece objetivos a serem perseguidos. Para isso será preciso elaborar a Declaração de Missão e da Política da Qualidade do seminário. Além disso, a administração co-participativa, embora exija mais tempo, envolve mais pessoas na elaboração do processo que será realização de todos e não apenas do

Diretor da Instituição ou de seu Coordenador Acadêmico.

É relativamente fácil mudar estruturas, criar classes alternativas, oferecer cursos de capacitação, criar espaços, inaugurar salas novas, adquirir equipamentos e materiais didáticos. É fácil fazer muito barulho e movimentar muita gente. O difícil é fazer a reengenharia da educação teológica a partir de todos os pressupostos filosófico-educacionais, reescrevendo conceitos, reconstruindo práticas de planejamento e de sala de aula. Para isso é preciso de conhecimento, paciência, coragem, ânimo para enfrentar as barreiras e desafios, muito trabalho de

todos e constante auto-avaliação. E esta é a política que recomendamos para a continuidade do Plano Diretor Educacional, afinal muitos seminários e líderes poderão agora ter sua esperança conquistada descobrindo como desenvolver seu próprio Plano, utilizando-se este modelo.

Conclusão

Ao adotarmos um modelo integral de educação para a formação teológica que, em vez de enfatizar apenas um aspecto do indivíduo, enfoca integralmente a formação de vidas maduras do ponto de vista intelectual, social, operacional ou pragmático, pessoal (ontológico) e afetivo, teremos de rever todo projeto educacional do seminário, seja o estabelecimento dos objetivos educacionais, seja o planejamento da grade curricular, do conteúdo programático, do conteúdo das aulas, enfim, a didática adotada pelo professor, a visão do aluno, etc.

Como se pode observar, para atingirmos profundos e permanentes objetivos com a educação teológica, será preciso rever todo processo educacional que temos desenvolvido e estarmos dispostos a assumir o custo, seja financeiro, operacional, material, em mão de obra ou temporal. Qualquer falha na escolha do modelo a ser adotado representará graves distúrbios em todo processo do trabalho educacional.

Outros desafios estão surgindo, tais como a busca de uma educação teológica proativa e preventiva, que trabalha estrategicamente estudando e considerando os cenários de mudança do mundo e como isso poderá afetar as igrejas e o Evangelho. É também um desafio para estudo futuro a

popularização do ensino teológico formal, de modo a levar a educação teológica ao povo (“leigos”).

Em futuros artigos buscarei abordar esses e outros assuntos no campo da educação teológica e ministerial. Até lá.

Sugestão bibliográfica

- KOURGANOFF, Wladimir. *A face oculta da universidade*. São Paulo: UNESP, 1990.
- MORAES, Maria Cândida. *O paradigma educacional emergente*. Campinas: Papirus, 1997.
- MOREIRA, Antonio Flávio & SILVA, Tomaz Tadeu da (organizadores). *Currículo, cultura e sociedade*. São Paulo: Cortez, 1999.
- MOREIRA, Antonio Flávio Barbosa (organizador). *Currículo: políticas e práticas*. Campinas: Papirus, 1999.
- MOREIRA, Antonio Flávio Barbosa (organizador). *Currículo: questões atuais*. Campinas: Papirus, 1997.
- VEIGA, Ilma Passos A. *Projeto político-pedagógico da escola – uma construção possível*. Campinas: Papirus, 1995.